

FIERJ: Uma mulher no comando



Sara Markus Granman

ASA entrevista Lea Pustilnic Lozinsky

Páginas 3 e 4

5 DE NOVEMBRO, QUARTA-FEIRA, ÀS 20 HORAS

Coral da ASA na Sala Cecília Meireles

FESTIVAL CANTAPUEBLO

PROGRAMA

Coral da Asa • Coral Amigos do São Vicente • Coro del Consejo Profesional de Ciencias Económicas de la Provincia de Buenos Aires (Argentina) • Agrupación Coral Miguelete (Uruguai)

E MAIS...

2 **EDITORIAL**
Ausência preocupante

5 **ENTREVISTA /
AVRAHAM BURG**
A favor, contra ou ...



RUTHIE BLUM,
The Jerusalem Post

8 **BECO DA MÃE**
O Nick Bar de
Joe Kantor
HENRIQUE VELTMAN

9 **A FOTO, A HISTÓRIA**
Uma história como
as outras?
RENATO MAYER

10 **MEMÓRIAS (PARTE 4)**
BERTHA V. FEFERMAN
Lembrando Nathan

11 **NOTAS**



Ausência preocupante

“**A** intolerância religiosa vem crescendo em nosso país. Já foram registrados diversos casos de ataques às religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé. Seus sacerdotes vêm sendo agredidos, sua religiosidade, difamada em veículos de comunicação. Estudantes têm sofrido constrangimento e recebido ensinamentos com imposição curricular de outro credo. Episódios extremos de vandalismo, invasão e demolição de templos, terreiros e casas-de-santo tornaram-se rotineiros.” Este é um trecho do folheto que convocou uma caminhada em defesa da liberdade religiosa, no dia 21 de setembro, na orla do Leme e de Copacabana.

Sensível à defesa das liberdades públicas e na linha do diálogo com segmentos da comunidade negra, a **ASA** se colocou desde o primeiro momento a favor da caminhada. Mais do que isso: por meio de seis mil e-mails, ajudou a divulgá-la, convocando a comunidade judaica a aderir à manifestação. Ao lado da FIERJ, que participou da coordenação, foi a única instituição da nossa comunidade a tentar mobilizar os judeus cariocas para o evento.

O resultado, infelizmente, foi desanimador. Alinhados atrás de uma faixa da FIERJ, poucos judeus marcharam pela liberdade religiosa. Entre eles, nenhum rabino, nenhuma representação das escolas judaicas, pouquíssimos jovens.

A omissão é preocupante. A aliança com setores discriminados pela sociedade é fundamental para se montar uma barreira contra todas as formas de intolerância. Como construí-la se, quando convocados, os judeus e suas entidades se ausentam? Que valores estão sendo ensinados aos nossos jovens, que parecem não enxergar as consequências do isolamento?



No dia 10 de novembro de 1938, uma operação em larga escala contra os judeus da Alemanha resultou em mais de mil sinagogas destruídas, inúmeras lojas saqueadas, trinta mil judeus deportados para campos de concentração e noventa e um mortos. Foi a Noite dos Cristais, que está completando setenta anos. Não basta lembrar. É preciso criar condições sociais, políticas e econômicas que anulem a tentação fascista, que, infelizmente, não acabou em 1945.

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretor de Comunicação/Divulgação Jacques Gruman

Diretora Cultural Clara Goldfarb

Diretor de Memória Marcos David Somberg



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro

Regente Claudia Alvarenga



Estes dançam



Estes cantam

E você? Vai ficar só apreciando?

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30

AULAS DE ÍDISH - Toda segunda, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -
Quinzenalmente, terças, às 15h30

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

Um olhar para o carente

Sara Markus Gruman



“A ASA pode não ser a minha linha, mas tem um retrato do zeide [Saadio Lozinsky] lá. Ele foi uma pessoa muito diferente. Ele era ultraortodoxo. Nós lançamos o livro dele na ASA [traduzido por Milton Scaler, um de seus netos], e as pessoas se admiravam. Mas no livro ele diz que sem cultura não adianta – tem que ser aberto.”

Ela transpira preocupação com o social. Os olhos ficam marejados ao falar da família judia retirada recentemente de um dos morros da cidade, com ajuda institucional. Lea Lozinsky, a nova presidente da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro - FIERJ, candidata única às eleições de agosto último, assume o cargo no próximo dia 12 de novembro, em cerimônia no Templo Sidon.

Quarenta anos na Wizo e oito na presidência da Sociedade das Damas Israelitas - Froien Farain reforçaram em Lea o valor da solidariedade com o necessitado, aprendido na infância quando acompanhava a mãe, já então ativista do Froien Farain.

Carioca, 74 anos, filha de imigrantes da Bessarábia, foi aluna do Hebreu Brasileiro até a família se mudar para a zona sul, quando passou a estudar no Andrews.

Depois de algum tempo no Hashomer, integrou-se a um grupo organizado pelo doutor Henrique Lemle, apesar de não freqüentar a sinagoga da ARI porque seus pais eram ortodoxos.

Dois filhos, quatro netos, viúva há sete anos, ela conta que se formou em Arquitetura, mas seis meses depois largava a prancheta. “Gosto mesmo é de dar aula”, diz a ex-professora de matemática do Liessin, Sion, São Vicente e outros colégios conceituados da cidade. “O Sion foi uma escola de vida para mim.”

Entre Rosh Hashaná e Iom Kipur, o boletim ASA entrevistou a nova presidente na sede da FIERJ, poucos dias depois de seu retorno de Israel, onde participou de um seminário sobre liderança promovido pela Federação Israelita de São Paulo.

ASA – Das quatro últimas eleições, três tiveram chapa única para o Executivo. Nesta em que a senhora foi eleita, o número de eleitores caiu cerca de 40% em relação à de 2004, quando também houve chapa única. A que atribui a dificuldade de mobilizar a comunidade para participar dos processos eleitorais?

Lea Lozinsky – Eu até achei que foi muito. As pessoas diziam que não precisavam votar porque era chapa única, mas eu respondia que, se não votassem, eu não me sentiria eleita. Nesse dia estavam ocorrendo três ou quatro eventos grandes, entre eles dois casamentos. Por isso, do Lubavitch, que vota na gente, em vez dos mil votos esperados, só tivemos duzentos e poucos.

ASA – Com a experiência acumulada nas quatro gestões anteriores – duas

vezes como vice-presidente, uma como presidente do Conselho de Ação Social e uma como vice-presidente institucional representando o Froien Farain –, o que pretende continuar e/ou modificar nesta nova gestão?

Lea Lozinsky – Alguns projetos da última gestão estão em andamento porque dois anos é muito pouco. Mas o do seguro saúde está quase pronto, só não posso ainda revelar detalhes.

ASA – Quais são os pontos fortes da comunidade? E os pontos fracos?

Lea Lozinsky – Pouca gente sabe, mas o Hospital Israelita nos ajuda muito, é um grande parceiro. O ponto fraco e que nos assusta muito é a pobreza. Quem fica pobre deixa de ir à sinagoga e ao clube, não se sente bem de encontrar as outras pessoas.

ASA – Em matéria para este Boletim [“Os casos que ninguém vê”, ASA 76, maio-junho de 2002], a senhora, então presidente do Froien Farain, escreveu: “A comunidade judaica do Rio, pouco presente, sem conhecimento das proporções reais do nosso quadro de pobreza nem das organizações que efetivamente contribuem para torná-lo menos agudo,

mostra que temos um longo caminho a percorrer.” Tem informações atualizadas sobre o quadro de pobreza entre os judeus? Aumentou na comunidade o conhecimento sobre esse quadro?

Lea Lozinsky – Uma vez, tive uma reunião no Palácio Guanabara com a Benedita da Silva a respeito de programas sociais, e uma de suas assessoras se admirou: “Mas tem judeu pobre?!” Eu disse: “Vocês não chegam a saber porque a comunidade tira este ônus dos ombros do governo. Mas existe pobreza, e muita.” Recentemente, tiramos de morros três famílias, demos para as crianças bolsas em escolas judaicas, arrumamos casa, móveis, cesta básica. Uma das mães se inscreveu no Maot Chitim e eu perguntei: “Mas você sabe fazer o Pessach?” Ela respondeu: “Eu sei, eu vi na casa da minha mãe.”

ASA – Como identificaram estas famílias?

Lea Lozinsky – Por meio de uma pessoa que quer se manter anônima. Quando os casos chegam até nós, podemos fazer alguma coisa. O problema é que a maioria tem vergonha ou medo de aparecer. Pretendo trazer toda a comunidade para participar seja com trabalho, seja com dinheiro. A minha mãe tinha a caixinha da *tsedacá*. Quando ela fazia compras, uma moeda que sobrasse ia para a caixinha.

ASA – Temos cobrado de todos os presidentes da FIERJ a realização do censo comunitário, sem o qual o planejamento das entidades fica prejudicado. Pretende colocá-lo em seu plano de gestão?

Lea Lozinsky – O problema é dinheiro.

ASA – Nos últimos anos, muito se falou numa reengenharia institucional, que resultaria na fusão de entidades. Em que pé está a situação?

Lea Lozinsky – Está difícil, mas continuamos tentando. Nas escolas já se fez, quase obrigado. Mas nós não gostaríamos que fosse assim, gostaríamos de fazer pensada-

mente. As coisas caminham muito devagar, acho que por causa da vaidade – “Por que é o meu que vai acabar, e não o seu?” As entidades precisam ter dinheiro para pagar a conta de luz não apenas no fim deste mês, mas sempre.

ASA – Qual é a sua expectativa em relação ao novo Conselho Deliberativo?

Lea Lozinsky – Eu vou precisar muito do Conselho ao meu lado para realizar os projetos, porque o Executivo não pode fazer tudo sozinho.

ASA – Qual será o seu primeiro ato como nova presidente da FIERJ?

Lea Lozinsky – O nosso grande sonho – estamos trabalhando para isso – é ter um fundo mútuo para socorrer as instituições, sobretudo as beneficentes. Trouxeram recentemente para o Froien Farain um caso caro, que requer muito dinheiro para o resto da vida das pessoas envolvidas, e a instituição não tem uma retaguarda. Hoje, nós dependemos muito de particulares. Além de terminar o projeto, teremos de escolher para gerir o fundo mútuo três pessoas independentes, desvinculadas de qualquer instituição e da FIERJ e nas quais a comunidade confie.

ASA – Qual seria a origem do dinheiro?

Lea Lozinsky – Não sabemos ainda, porque até em relação a isto há discórdância.

ASA – Que mensagem a senhora envia aos sócios da ASA e aos leitores deste Boletim?

Lea Lozinsky – Eu quero pedir que as pessoas não prestigiem só as programações das suas entidades. Nós fizemos um *Iom Haatsmaút* no Grande Templo em que, pela primeira vez, sentaram juntos os *hazanim* e os rabinos de todas as linhas. Veja agora: é preciso ter quatro chás de Sucot no mesmo dia e hora? Não bastaria ter um ou dois? Eu não posso me dividir, e como eu, várias pessoas. O que eu peço é união. A comunidade junta é uma força. ■



bervel
Bervel
empreendimentos
Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária
Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555
www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br



Contra, a favor ou...

Ruthie Blum, *The Jerusalem Post*

eu digo “Vamos com calma”. Há algo de mais profundo em ser um homem, há algo de mais profundo em ser um judeu, há algo de mais profundo em ser um israelense. Portanto, estou tentando reintroduzir uma espécie de utopia, de profecia. É esta, na realidade, a razão de ter me retirado da política, a despeito de estar em ascensão. Eu tinha a sensação de que Israel havia se tornado um reino muito eficiente sem profecia. Ser judeu sem profecia no coletivo judaico é errado. E profecia tem algo a ver com ingenuidade.

As enfermidades que o senhor descreve não seriam o resultado da pouca idade de Israel? E quem sabe a mentalidade do *táhles* seja uma questão mais de “estilo sabra” do que de conteúdo?

Israel é um fenômeno fantástico. Temos todas as doenças da velhice e todas as doenças da adolescência. Somos ao

É um programa de intercâmbio: alguns vão, alguns vêm, alguns ficam aqui, alguns ficam lá.

mesmo tempo jovens e velhos, e ainda não conseguimos fazer a melhor síntese. Quanto ao estilo, penso que é outra coisa. Os judeus sobreviveram através dos tempos porque simplesmente nos lixamos para o sistema. O sistema nunca confiou em nós e nós, em troca, nunca confiamos nele, nunca nos incorporamos totalmente. Sempre sobrevivemos contornando-o. Hoje, mesmo quando o sistema é nosso, ainda tentamos enganá-lo, ainda não internalizamos completamente que ele é nosso. Quando não é seu, tudo é aqui e agora; quando é seu, se você causa dano hoje, alguém — talvez você mesmo, talvez sua descendência — irá pagar por isso amanhã. A falta deste entendimento está na raiz

da mentalidade do *táhles*, da sensação de que tudo é temporário, o que significa não perceber que é necessário lutar pela melhoria do sistema a fim de não sofrer conseqüências por sua deterioração. Então, quando as coisas não vão bem, muita gente diz “Vamos para outro lugar”. É por isso que vemos cada vez menos gente lutando pelo Estado e pela sociedade, e mais e mais gente desertando.

O senhor diz que ainda não internalizamos que o Estado é nosso. Dado que o Estado tem só 60 anos e que não se passaram tantos anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, por que considera que é hora de deixar o Holocausto para trás? Por que se incomoda que pessoas vão embora do país? A julgar pelo que escreveu sobre sermos todos parte de uma raça humana, o que lhe importa se judeus vivem aqui ou em qualquer outro lugar do mundo?

Daqui a 200 anos, quando o trauma estiver longe e não houver testemunhas vivas, imagine uma geração judia sem sentimentos de culpa. Imagine que teremos paz no Oriente Médio. E não estou sendo utopista. Acredito que a paz, em termos práticos, está mais perto do que se pensa. Não me diga que é impossível, porque se eu tivesse dito há 200 anos que hoje o povo judeu teria um Estado soberano, a Diáspora mais poderosa nos Estados Unidos, e a enorme maioria dos judeus vivendo no mundo democrático, você diria que era impossível. A preocupação dessa futura geração não serão pogroms e anti-semitismo, será se o povo judeu consegue sobreviver sem um inimigo externo. Dêem-nos guerra, pogroms, desastre, saberemos o que fazer. Dêem-nos paz, tranqüilidade, prosperidade, igualdade, emancipação e estaremos perdidos. O meu argumento, portanto, é o de que todos os velhos paradigmas de *aliá* — a palavra para ascensão — e *ieridá* — a palavra para descida — estão errados. Para mim, Jerusalém e Babilônia deixaram

A julgar por suas posições polêmicas, em geral, e as explicadas em seu mais recente livro, em particular, Avraham (Avrum) Burg, ex-ativista da Paz Agora, ex-deputado, ex-presidente da Agência Judaica e ex-presidente da Knesset, não tem interesse em bajular seus adversários nem, ao que parece, seus aliados. “Adoro polêmica e debate.” Residente na comunidade de Nataf, nos arredores de Jerusalém, Burg passou a maior parte da vida combatendo a realidade tanto dentro do sistema quanto depois de renunciar à vida pública. Por causa de seu pedigree político como filho do renomado líder do Partido Nacional Religioso Iossef Burg — o homem que mais tempo permaneceu no ministério, na História do país —, Avrum sempre foi visto simultaneamente com espanto e com suspeita. A maior parte do público e da mídia se refere a ele, no melhor dos casos, como “pós-sionista”, e no pior, como “anti-sionista” (basta atribuir atentados suicidas à ocupação israelense).

Neste mês de novembro, será liberado The Holocaust Is Over; We Must Rise From Its Ashes [O Holocausto passou; devemos nos erguer de suas cinzas], versão inglesa de seu livro de 2007.

Ao ler o seu livro, ocorreu-me uma aparente semelhança entre a sua visão de mundo e o *Imagine* de John Lennon. Não há algo de ingênuo em adotar uma posição universalista — em oposição a particularista — no tocante ao Estado de Israel?

Sim, em muitos aspectos sou utopista. Após tantos anos na política, a indústria do cinismo, onde tudo é prático, *táhles*, agora

de ser lugares geográficos. Eles são estados de espírito. O povo judeu tem tido, e deve ter, dois hemisférios. Um é muito singular, privado, íntimo, particularista; o outro é universalista, aberto para as demais culturas e civilizações. Precisamos de ambos. Para mim, Jerusalém é a expressão simbólica do judeu isolacionista, enquanto Babilônia é a do judeu universalista. Em outras palavras, pode-se ser um jerosolimita em Monsey, pode-se ser um babilônio em Tel Aviv. É uma questão de atitude. A pergunta é: você está se *guetoizando*, mesmo que não tenha um inimigo que o obrigue a isso, ou está se abrindo às experiências de outras culturas, enriquecendo-as e sendo por elas enriquecido? Assim, quando você pergunta por que importa se alguém abandona Israel, respondo que não se trata de “descender”. É um programa de intercâmbio. Alguns vão, alguns vêm, alguns ficam aqui, alguns ficam lá. Trata-se de melhoramento; por mim, tudo bem.

Quanto ao Holocausto ser ainda recente demais para que nós o superemos: admito que este livro está à frente de seu tempo, especialmente numa sociedade que transformou o Holocausto numa religião ou rito nacional. Este, na realidade, é um livro para os meus filhos e os meus netos. Nestes dias está sendo talhado o comportamento da nação. Eu me oponho é aos esforços nacionais para reproduzir o trauma — levar para os campos na Polônia crianças de 16, 17 anos, antes de começarem o serviço militar, uma idade em que o sangue está fervendo. Isto não é apenas uma manipulação barata, é uma forma errada de moldar a experiência da próxima geração. Levem-me aos 25 ou aos 30. Dêem-me um voucher para uma viagem quando eu for uma pessoa mais madura. Não me empurrem para os quartéis diretamente das ruas que cercam Auschwitz.

O senhor parece falar do Holocausto e seus resultados da mesma maneira que muitos da esquerda falam sobre a Guerra dos Seis Dias e suas consequências, como se não houvesse uma História judaica precedendo o evento. Como judeu ortodoxo versado na Bíblia, o senhor não vê semelhanças entre a História dos Cinco Livros de

Moisés e os jornais da atualidade?

Eu não sou um judeu ortodoxo; não acredito em ortodoxia de espécie alguma. Quando me perguntam se sou ortodoxo ou conservador, respondo “Isto não é da sua conta”, brincando, naturalmente. E acrescento: “Este é um assunto privado. Quem é você para invadir a minha intimidade com o transcendental?” E quando estou de bom humor, eu me descrevo como um judeu protestante [ele ri], isto é, tenho um conjunto de relações com o meu criador e 100% de responsabilidade por minha interpretação e atuação. A ortodoxia se opõe ao pluralismo, que é muito mais complicado. Pluralismo significa que, no momento, a minha identidade respeita muitos passados diferentes. Há um passado messiânico e um passado profético e um passado filosófico e um passado nacional e reino e exílio — pode-se enfatizar qualquer

O Exército hoje é um instrumento nas mãos de um programa messiânico.

um deles. O problema está na psicologia do trauma. Não se trata do Holocausto em si ou de 1967. Trata-se do período entre 1945 e 1948, entre o fim de Auschwitz e o começo da Guerra de Independência de Israel. O que fizemos foi retirar esses três anos do nosso passado, de modo que toda vez que palestinos matam alguém, a vítima não é só uma. É uma vítima mais 6 milhões mais dois mil anos.

É assim que justificamos os nossos sentimentos em relação aos palestinos?

Não estou defendendo ninguém. Todos os sentimentos se justificam se você os sente. Mas serão os sentimentos necessariamente verdade? São realmente dois mil anos de traumas? Quando se estuda o Holocausto, só o que há são os seis milhões de vítimas judias. Não haverá também os Justos entre as Nações?

Mas nós honramos os Justos entre as Nações, não? No Yad Vashem com certeza.

Nós confiamos realmente no mundo? Eu confio. É tão difícil para o israelense aceitar isto. Passemos devagar, porém com segurança — não da noite para o dia —, do trauma para a confiança.

Dê um exemplo na História judaica em que a confiança levou a algo positivo. A experiência não conta?

Suponhamos que a falta de confiança se baseie na experiência, e vejamos mil anos de banho de sangue na História da Europa. Todo mundo matava todo mundo. É, portanto, muito tendencioso dizer que todos eles eram contra nós. Especialmente porque, durante a maior parte destes mil anos, a conversa entre os judeus e o mundo foi muito afirmativa e positiva. Será possível compreender a civilização ocidental sem perceber que Jesus nasceu judeu, foi crucificado como judeu e enterrado como judeu? Será possível compreender a abertura da Europa na Idade Média sem reconhecer o que Maimônides absorveu do mundo muçulmano, filosofias platônicas e aristotélicas que estavam totalmente esquecidas na Europa cristã? Será possível compreender o avanço da Europa para a modernidade sem Spinoza em Amsterdam? Será possível compreender o século 20 sem Zamenhof, Freud e Marx? Ao mesmo tempo, será possível compreender o judaísmo assim como o conhecemos — ou, desafortunadamente, como não o conhecemos — sem o Iluminismo? Sem filosofia? Sem comércio? Sem sistema bancário? Sem democracia? Em outras palavras, é um inacreditável programa de intercâmbio! É verdade que tivemos traumas. Mas outros também os tiveram. Portanto, árabes nos matam, e nós a eles. E nós os odiamos. E quando alguém argumenta que isto não é islã, que existiu uma idade de ouro na Espanha, a resposta é “Ah, bobagem!”

Por que o senhor diz que odiamos os árabes? A maioria das pessoas hoje defende a posição de que o islã foi sequestrado por extremistas e que os muçulmanos moderados em todo o mundo são vítimas desses extremistas.

Também eu me sinto raptado por extremistas religiosos. E as pesquisas de opinião mostram um assustador grau de xenofobia entre os israelenses, e não ape-

nas a nossa boa vontade para redimir os árabes de seus próprios seqüestradores.

Se desenvolver confiança e repelir xenofobia são condições para atingir a sua utopia, não seria a conclusão lógica debandar o Exército, que é, por sua própria natureza, o símbolo da falta de confiança nos inimigos?

Para nós, israelenses, tudo é preto ou branco, sem meio-termo. Ou se é pacifista ou se é fascista. Infelizmente, a vida é um pouco mais complexa. Acredito que muitas nações precisam de força para defender seus fundamentos. O grau de força depende de quais são esses fundamentos. Hoje, a Europa está desmontando os exércitos particulares e fazendo uma espécie de esforço coletivo num interessante processo de construção dos Estados Unidos da Europa. Temos de esperar para ver no que vai dar, mas a questão é que, mesmo direcionada para a paz, a Europa tem um Exército – efetivo, não efetivo, com os americanos, sem os americanos, mas ainda assim um Exército. Israel também tem fundamentos. Tem também temores legítimos, nem todos são fruto da nossa imaginação. O que me perturba é a centralidade do Exército em nossas vidas. Apavora-me a facilidade com que o pessoal circula do Exército para o governo. É tudo parte do mesmo sistema. O Exército é um instrumento do povo. Mas, quando generais se tornam automaticamente líderes do Estado, não dá para evitar a sensação de que é um Exército que tem um governo, em vez do contrário. Eu amo e admiro as Forças de Defesa de Israel (FDI) – tenho seis filhos que servem ou serviram nas melhores e mais temíveis unidades – na mesma medida em que não as quero na política.

Mas no caso do primeiro-ministro Ehud Olmert e do ex-ministro da Defesa Amir Perets, que não entraram na política saídos do Exército, não teria isso causado prejuízos na Segunda Guerra do Líbano?

No momento em que a situação ficou crítica, o Exército assumiu o comando e os usou como marionetes. E parte da violência dentro da sociedade israelense – como abuso de mulheres e crianças – torna-se kosher como resultado da nossa incontro-

lada violência em tempo de guerra. Isto nos remete aos nossos fundamentos. Eu preciso de um Exército que me defenda de meus inimigos. Mas o Exército hoje é um instrumento nas mãos de um programa messiânico. Toda a Margem Ocidental é a expressão de uma agenda messiânica que as FDI estão aí para defender.

Mas não foram as FDI que levaram a cabo a retirada de Gaza e evacuaram judeus, muitos deles religiosos?

Sim, mas para 41 anos de um programa messiânico temos um evento de evacuação. Falta equilíbrio. Toda vez que política judaica se fundiu com filosofias messiânicas deu em catástrofe. É o que está acontecendo agora. Temos o Estado mais poderoso de todos os tempos. Temos o aparato militar mais poderoso. E temos a ajuda messiânica mais poderosa jamais vista. É uma receita de desastre.

Para mim, o sionismo é um capítulo.

Será isso, então, “O fim do sionismo”, como sugere o título de um de seus artigos mais polêmicos [publicado no *The Guardian*, em outubro de 2003]? O Estado judaico sobreviverá?

O sionismo foi o andaime – para usar a metáfora de Ben Gurion a respeito das organizações sionistas – que se pretendia para permitir ao povo judeu reestruturar-se ao passar do exílio para a soberania. E funcionou não uma, mas duas vezes. Temos o poderoso e soberano Estado de Israel, de um lado, e a poderosa Diáspora ocidental, de outro. Uma vez com estas duas estruturas, não há mais necessidade de andaime. Pode-se removê-lo e apreciar a beleza da construção. Para alguns, o sionismo é um livro para se ler e reler; para mim, é um capítulo. Termina-se um, passa-se para o seguinte.

Não é problemático este ponto de vista partindo de um ex-presidente da Agência Judaica?

De fato, quando ocupei o cargo, publiquei um livreto intitulado *Brit Am*

[Aliança Nacional], no qual estão plantadas as sementes desta idéia. Nele eu dizia que precisávamos nos preparar para a era pós-resgate. Na época, eu tinha 400 mil judeus oriundos da ex-União Soviética e dezenas de milhares da Etiópia – ainda era a inércia do velho paradigma. Mas acabou! E para onde está indo? Nós gostamos da definição de Israel como uma democracia judaica e a consideramos o melhor dos mundos. Gente, é uma ilusão. Graças a Deus temos os árabes como inimigos. Nós os vemos como o mal. Segundo Sartre, o anti-semitismo definia o judeu. Bem, os árabes definem quem é israelense. Portanto, digamos que um dia aconteça um desastre e haja paz [ele ri], e os árabes decidam adotar o caminho de Gandhi, da não-violência. Aí não teremos a desculpa de que não podemos cuidar da nossa erosão interna por culpa da ameaça externa. Nesse momento se dará aqui o choque entre a democracia e a teocracia, como no cristianismo e no islã. E a definição de um Estado democrático judaico, que soa tão bem, criará um conflito tal que não tenho certeza de que seremos capazes de dominá-lo. O que significa ser o Estado de Israel um Estado judaico? Que, independentemente do que você faça ou de quantos árabes vivam aqui, ele é judeu por sua própria natureza? Pois para mim, quando se diz que o Estado é judeu e se libera o indivíduo de responsabilidade, essa é a receita para uma realidade imoral. Não quero que o Estado defina para mim a minha realidade espiritual. O Estado de Israel é uma democracia. É o Estado dos judeus. E os judeus decidem ficar aqui e se comportar como judeus. É a nossa responsabilidade, não uma imposição do Estado. Portanto, para mim, Israel é um Estado democrático do povo judeu que pertence igualmente a todos os seus cidadãos. Se não garantirmos a separação entre Knesset e *beit haknesset* [Parlamento e sinagoga], entre *rav* e *ribon* [rabino e líder] e entre *halahá* [lei religiosa] e lei, estaremos fadados ao conflito e ao fracasso. Fazer esta separação é a única forma de garantir um futuro próspero. ■

O Nick Bar de Joe Kantor

Henrique Veltman / Especial para ASA

Arquivo de Joe Kantor



Kantor no dia do seu bar-mitsvá

Dick Farney é acompanhado ao piano por Radamés Gnattali, pelo violão e bandolim de Garoto, Pedro Vidal no contrabaixo e Trinca na bateria.

No início da década de 1950, a boemia paulistana tinha seu ponto de encontro num bar localizado no Bixiga, no número 315 da Rua Major Diogo, ao lado do Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC. Por isso mesmo, o bar era o refúgio informal de músicos, atores, escritores, artistas, socialites, jornalistas e boêmios.

E aí a gente chega ao Joe Kantor, que um dia batizou o local de Nick Bar. Era uma referência à montagem *Nick Bar... álcool, brinquedos e ambições*, título em português da peça *The Time of Your Life*, do escritor e dramaturgo norte-americano William Saroyan, dirigida por Adolfo Celi, primeira encenação profissional do TBC.

O escritor Marcos Rey, num artigo intitulado “Bares da Saudade”, sintetiza a magia e o glamour que envolvia e atraía os frequentadores do Nick Bar:

“(...) Era o reduto da sofisticada geração que se dizia existencialista, discutia Sartre e se recusava a apertar a mão dos adeptos da música caipira. Os artistas de sucesso e jovens intelectuais diziam presente todas as noites. Os cronistas sociais passavam por lá. Estar no Nick podia ser notícia. Com um pouco de sorte sentava-se na mesa ao lado de Tônia Carrero, Maria Della Costa e Cacilda Becker. Vizinhos da fama. O tom da geração, o estar na moda, ser up to date, era ali, no Nick, onde muita gente tomou uísque pela primeira vez, curtiu a dor-de-cotovelo inaugural e aprendeu que era feio dormir cedo. Devia ser tombado e seus fregueses transformados em figuras de um alegre museu de cera. (...)”

O bar de Joe Kantor se tornou lenda, ficou na memória dos que viveram aqueles tempos.

Joe, aliás Joseph Kantor, nasceu em de-

zembro de 1912, em Romankoutze, Ucrânia. Veio para o Brasil com dois anos de idade. Adulto, ele teve a curiosidade de procurar nas enciclopédias alguma informação maior sobre o seu *shtetl*. Inútil, não encontrou nada. Mas hoje a gente sabe, a cidade natal de Joe fica na Romênia, Romancutze, ao lado da República da Moldávia.

Joe veio para o Brasil em 1914. Num depoimento à História Oral do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro ele conta: “O que mais me impressiona até hoje é que esse pessoal saía da Rússia, da Polônia, não falava uma palavra de outra língua, não tinha dinheiro, e ia para um outro país do outro lado do mundo! Eles não sabiam se tinha alguém pra recebê-los, se eles iam ser mortos, o que ia acontecer! Não sabiam se um selvagem ia comê-los ou qualquer coisa. E não é só o judeu! É o árabe, o italiano, que saiu do país de origem sem um tostão, sem conhecer a língua. Mas qualquer coisa era melhor do que de onde ele vinha. Que a vida dele era tão ruim lá na Europa que qualquer mudança era um melhoramento de vida.”

Em 1923, os Kantor emigraram novamente, desta feita para os Estados Unidos. No Bronx, ele estudou, fez o seu bar mitsvá. Em 1935, a família retornou ao Brasil, indo viver em Taubaté.

Mas o irrequieto Joe regressou aos Estados Unidos, alistou-se na Marinha norte-americana na Segunda Guerra Mundial e lutou no Atlântico Norte e no Pacífico. Voltou definitivamente ao Brasil em 1946. Entre outras atividades, foi produtor teatral e ator de cinema e teatro, e fundou o memorável Nick Bar.

Com Vicente Leporace, Joe Kantor atuou num filme de Mazzaropi (que era de Taubaté) e interpretou o juiz no filme de Babenco *O beijo da mulher aranha*. ■

Henrique Veltman, carioca, 72 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

Acho que a maioria dos leitores, pelo menos os mais antigos, conhece bem estes versos, cantados por Dick Farney:

*Foi neste bar pequenino
Onde encontrei meu amor
Noites e noites sozinho
Vivo curtindo uma dor*

*Todas as juras sentidas
Que um coração já guardou
Hoje são coisas perdidas
Que o eco ouviu e calou*

*Você partiu e me deixou
Não sei viver sem teu olhar
O que sonhei só me lembrou
Nossos encontros no Nick Bar*

A composição é de Garoto e José Vasconcelos. Na primeira gravação da música,

Uma história como as outras?

Renato Mayer / Especial para ASA

Foi preciso chegar a uma fase mais avançada da vida para que viesse a mexer em algumas velhas feridas e valorizar a memória antes que esta se perdesse. Nisso contei com a ajuda do ITS - International Tracing Service, de Bad Arolsen, na Alemanha, que recém abriu ao público o mais completo serviço de busca e rastreamento do destino de prisioneiros do Terceiro Reich.

Final da década de 1930. Meu avô paterno, Georg August Mayer, era um homem muito apegado à sua cidade natal, Mainz, na Renânia. Havia mais de 250 anos que a família estava radicada ali. Mesmo diante da evidência do terror que se avolumava, ele se agarrava à hipótese, para tantos fatal, de que tudo passaria. “Podem dizer que não sou alemão, podem dizer que não sou ariano, mas não podem dizer que não sou um cidadão de Mainz”, eram suas palavras.

Seus três filhos, porém, enxergaram o que se aproximava. Meu pai aportou no Rio em janeiro de 1937; Rudi, o irmão do meio, emigrou para a Palestina e a irmã caçula, Ruth, conseguiu refugiar-se na Inglaterra, onde trabalhou como doméstica. Com uma carta de chamada de meu pai, veio para o Brasil em 1940, atravessando o Atlântico em plena guerra, em uma viagem de 21 dias em um navio britânico. Para o velho Georg, porém, a carta de chamada chegou tarde demais.

E, no entanto, os sinais tinham sido mais do que visíveis. Três dias após a Noite dos Cristais, de 9 para 10 de novembro de 1938, quando a Sinagoga Central de Mainz – para cuja construção a família



Álbum de família

Georg Mayer, retratos dos filhos e um de seus quadros – Alemanha, março de 1940

Mayer havia contribuído – foi incendiada e lojas e imóveis de judeus foram atacados pela turba nazista em várias cidades da Alemanha e da Áustria, ele fez parte do comboio de perto de 30 mil judeus presos e enviados ao campo de concentração de Buchenwald, de onde, abatido e fisicamente enfraquecido, só foi solto em 10 de dezembro daquele ano.

Impossibilitado de deixar a Alemanha, foi também obrigado a vender a gráfica que imprimia rótulos para garrafas de vinho, o seu sustento e o da família, e seria detido, encarcerado e solto por mais duas vezes, em junho e julho de 1939 e, “preventivamente”, por três meses, em fevereiro de 1941. A acusação: crime de transgressão racial.

Aqui, a história é apenas deduzida pela documentação enviada pelo ITS e é possível que tenha passado desconhecida até dos filhos. Viúvo desde 1924, consta em parte da informação oficial que teria uma

esposa legal, a senhora Maria Magdalena Juliana Ott, costureira de profissão. Consta também que era católico, embora todos em Mainz conhecessem a família como sendo judia. Arranjos para atenuar possíveis acusações ou a razão mesma para sua prisão?

Nada disso o livrou de, mais uma vez, ser preso pela Gestapo sediada em Darmstadt. Em 20 de março de 1942, junto com mil outros judeus, dos quais 468 de Mainz, foi enviado para a Polônia (possivelmente Piaski, onde os nazistas haviam montado um gueto, extinto em setembro de 1942), e de lá deportado por trem (Transporte XVII/1) para o campo de Theresienstadt, hoje Terezin, na

República Tcheca, na noite de 27 para 28 de setembro daquele ano. Nesse local não agüentou muito: debilitado e com pneumonia, Georg August Mayer morreu em 12 de outubro de 1942. Tinha então 64 anos. Dos 453 judeus de Mainz, em sua maioria idosos, que fizeram parte desse segundo comboio, somente 24 retornaram à cidade, quando o campo foi, enfim, libertado pelo Exército Vermelho.

Após a guerra, meu pai localizou a senhora Ott e lhe escreveu, pedindo que devolvesse alguns bens, especialmente os quadros da coleção de Georg. Recebeu resposta: “Não posso, eles servirão para custear o meu enterro.” A miséria humana, física e social, é uma história típica dos anos de guerra e dos que os sucederam imediatamente. ■

Renato Mayer, economista, é colaborador do Boletim ASA.

MINHA VIDA DESDE MENINA PARTE IV

Lembrando Nathan

Desencadearam-se forte reação e perseguições a entidades e pessoas consideradas suspeitas. Por ser originário da Rússia e simpatizante da causa, meu cunhado Beni e Eva emigraram para a Argentina, onde ele veio a falecer. No Brasil ocorreram movimentos políticos e a conhecida revolução de 27 de novembro de 1935, ano que marcou também a data do meu casamento com Nathan Feferman, dia 16 de maio, tendo como padrinhos o senhor Luiz e esposa.

Em 1936 falecia meu pai, de insidiosa doença. Em junho de 1938 nasceu meu filho único, o Milton.

Nathan Feferman chegou ao Brasil em 1920 com seu pai, Mendel, suas duas irmãs, Fani e Firmina, e uma tia. Emigrado da Ucrânia, trouxe comprovante de ter feito lá metade do estudo médio, completado aqui, no Pedro II. Em seguida, entrou para a Faculdade de Engenharia do Largo de São Francisco, no Rio. Formou-se aluno distinto e, na prática, foi muito eficiente, grande técnico e trabalhador incansável. Sócio da Construtora Pires e Santos S.A., na qual se iniciara, Nathan deu grande desenvolvimento às atividades da firma. Simpático e com senso de humor, era, na vida pessoal, bastante requisitado pelas famílias com filhas casadoiras, apesar de não ser muito sociável (não era grande dançarino). Frequentava os eventos da BIBSA e aconteceu-lhe de se apaixonar por Alguém contra a vontade dos pais.

Faleceu em janeiro de 1984, após algum tempo de diabetes herdado, cujas conseqüências sofreu sem deixar de trabalhar (ia até de chinelo), fiscalizando obras, etc.

Nathan me revelou certa vez “por que eu me viciiei em cachimbo – no estudo, como devia usar as mãos na prancheta, eu colocava o cachimbo num canto da boca e ficava com as mãos livres para o trabalho.” Isso lhe custou uma séria operação nos lábios e piora no estado geral. Mesmo

assim, tivemos ótimas férias: Cambuquira e Caxambu (antes de sua doença) e também uma viagem à Europa e Israel. Minha vida com o Nathan foi muito boa, rica, com o maior conforto possível, com compreensão, profunda amizade e carinho, mesmo sem grande paixão.

Nathan queria rever o túmulo da mãe, falecida quando ele ainda era criança. Fizemos uma excursão de dois meses que nos proporcionou um roteiro inesquecível: Praga, Moscou (onde assistimos às celebrações do 1º de maio em dia de sol, lindo apesar do frio, em pleno verão), Leningrado (a antiga São Petersburgo, cidade de Artes e História), Kiev (parecida com o Rio, nos seus dias lindos de calor). Não chegamos a visitar o desejado cemitério porque a pequena cidade era servida por avião apenas uma vez por semana, o que nos faria perder a conexão com o grupo do qual fazíamos parte. Depois de irmos a Viena em visita à sobrinha pianista, Carminha, seguimos para Roma e fizemos conexão aérea para Israel, onde já residia Firmina (Frume), a irmã mais nova de Nathan, com marido, um filho e uma filha. Conhecemos a Pátria dos sonhos de nossos avós, de cuja vida pouco sabíamos.

A volta nos obrigaria a ir para a Itália, de onde a excursão nos levaria a Paris e Suíça. A França, porém, estava com seus aeroportos fechados em conseqüência da revolução estudantil chefiada por Cohn Bendit. Não pudemos conhecer Paris!

Da Itália tivemos que voltar em navio, uma nova sensação, que terminou com a entrada na linda Baía de Guanabara, debaixo dos elogios de grupos de turistas estrangeiros entusiasmados!

Nosso filho ficara no Rio, aos cuidados de minha irmã Cecília, depois de ter passado suas férias na Colônia Kinderland, como sempre. Era 1968, no Brasil o ano que não terminou, como ficou conhecido graças à obra do jornalista Zuenir Ventura.

Após o casamento, como eu trabalhasse fora, optamos por residir numa pensão de boa categoria dirigida pela francesa Madame Claire e pelo austríaco senhor Willy, situada na Rua Voluntários da Pátria, 24. Hoje este prédio ampliado e reformado pertence a um supermercado. Fomos morar depois na Rua São Clemente, 47, sobrado, prédio recém-construído pela firma Pires e Santos e que, depois, passou a ser o escritório central do Metrô do Rio. A seguir viemos para nossa residência efetiva, onde me encontro desde 1948.

Além do meu trabalho profissional na revista, fui convidada para me associar a um grupo de mulheres que se constituíram em associação nacional, a AFIB - Associação Feminina Israelita Brasileira (antes Associação Azul e Branco). Terminara a Segunda Guerra Mundial com um trágico saldo de vítimas: 1/3 do povo judeu – entre os numerosos sobreviventes, crianças em péssimas condições de saúde. Na França, foi fundada a Associação L'Union, que se propôs a um vasto trabalho de recuperação da saúde e sociabilidade dos órfãos, solicitando para isso a ajuda dos voluntários de todo o mundo; também o Brasil esteve associado a esse trabalho, com a remessa de dinheiro, mantimentos, roupas, através da Cruz Vermelha Brasileira. Foi um trabalho grandioso em que estiveram muito empenhadas as mulheres da AFIB, destacando-se as ativistas Aída Camentzki, Carlota, Doba, Fêigale, Mânia. Tarefa ingrata esta de citar tão poucas entre cerca de uma centena; receio cometer omissões imperdoáveis!!! A minha parte se resumiu aos pedidos por cartas e agradecimentos.

Após algum tempo, L'Union começou a dispensar os auxílios do exterior: as vítimas juvenis, recuperadas em praias ou montanhas, já podiam, por seu próprio esforço, tratar dos meios de sua sobrevivência. ■

(Parte final no próximo número)

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária
Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional
Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Alberto Band - Advogado
Rua Álvaro Alvim, 48 / 405 - Centro - Telefone: 2220-2784

Anna e Heloisa Araujo Eventos Cerimonial e Logística - Bufê próprio
Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Dr. Sérgio Fiser - Cirurgia plástica, estética, Botox, preenchimento de rugas, câncer de pele
Rua Siqueira Campos, 43 / 608 - Copacabana - Telefone: 2257-0359

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica
Rua Joana Angélica, 217 - Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 - E-mail: acsel@globo.com

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria
Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

José Paulo Nebel - Psicólogo/ Psicanalista
Rua Benjamin Batista, 197/ 302 - Jardim Botânico - Telefone: 2286-5075

NOTAS

Pequenas comunidades

No dia 21 de setembro, **Luiz Benyosef** (foto ao lado), presidente do **Memorial Judaico de Vassouras** e ex-diretor da Fierj, fez palestra sobre as pequenas comunidades judaicas no Brasil.



Machado

Este ano marca o centésimo aniversário da morte de **Machado de Assis**. Vários programas estão lembrando a data, e a **ASA** não poderia ficar de fora. No dia 27 de setembro, o grupo **Poesia Simplesmente**, que há 11 anos integra poesia, música e teatro, apresentou o espetáculo **“Lembrando Machado de Assis”**. O Bruxo do Cosme Velho esteve em cena, tendo como pano de fundo os acontecimentos que marcaram a sua época.

Jacques Gruman



Os presidentes da **ASA**, Mauro Band (de óculos), e do Museu Judaico, Max Nahmias

Eleições

As propostas das esquerdas para as eleições municipais de outubro. Este foi o tema do debate que realizamos no dia 7 de setembro, com os candidatos à prefeitura do Rio de Janeiro **Paulo Ramos (PDT)**, **Eduardo Serra (PCB)** e **Chico Alencar (PSOL)**.

Gitel Bucaresky

Filme

A **ASA** e o **Museu Judaico**, em parceria com o **Consulado Geral da Federação Russa**, patrocinaram, no dia 28 de setembro, a exibição do filme **O destino de um homem**, do diretor russo Sergei Bondartchuk.

Quarenta e quatro

No dia 30 de agosto, a **ASA** comemorou seu 44º aniversário. São mais de quatro décadas construindo um espaço judaico progressista no Rio de Janeiro. O programa, fiel à nossa trajetória, integrou a tradição cultural judaica com a cultura do país que acolheu generosamente nossos antepassados. Clássicos do choro abriram a noite, com o **grupo Pega no Tranco** (**Luiz** no violão, **Júnior** no pandeiro, **Isac** no cavaquinho, **Rodrigo** no bandolim e **Ana Caetano** na flauta). Em seguida, **Mauro Perelmann** (violão), **Daniela Spielman** (clarinete) e **João Mário** (contrabaixo acústico) encantaram a platéia com improvisos sobre temas judaicos. O diretor **Jacques Gruman** leu um texto sobre a história da **ASA**, a presença judaica no Rio de Janeiro e a cultura trazida pelos imigrantes judeus da Europa. Prestigiaram o evento o presidente da Fierj, **Sergio Niskier**, o presidente do Conselho Deliberativo da Fierj, **Gerson Hochman**, e os ex-presidentes da **ASA** **Luiz Mendel Goldberg**, **Leon Zonenschain**, **Clara Zylbersztajn Abreu** e **Horácio Schechter**, além do próprio **Jacques**.



Fotos Sara Markus Gruman

◀ Daniela Spielman, Mauro Perelmann e João Mário

Horácio Schechter, Leon Zonenschain, Luiz Mendel Goldberg e Jacques Gruman

Grupo Pega no Tranco



22 DE NOVEMBRO, SÁBADO, ÀS 20 HORAS

FERNANDO PESSOA: TENHO EM MIM TODOS OS SONHOS DO MUNDO

Espectáculo sobre o poeta português com o grupo

Poesia Simplesmente

Ingresso: 1 kg de alimento não-perecível
No auditório da **ASA**

Estacionamento (pago) no local
Rua São Clemente, 155, fundos
Metrô Botafogo, direção Humaitá



Liberdade Religiosa

A **Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro** organizou, no dia 21 de setembro, uma caminhada na orla do Leme e Copacabana em defesa da liberdade religiosa. A iniciativa foi motivada pelas notícias de crescimento de ataques às religiões de matriz africana em várias partes do país. A **Fierj** ajudou na organização do ato e a **ASA** foi a única instituição da comunidade judaica do Rio a se manifestar publicamente pela realização da caminhada (ler **Editorial** na página 2). Vários de nossos diretores estiveram presentes.

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001